

OS COMPOSITORES

29/09/1997

Manuscrito Consuelo Lélis

Hoje vamos falar um pouco mais detalhadamente da poética de Schumann.

A esse respeito vamos nos entender sobre esse termo de poética e sua exata significação.

Muita gente fala da estética de Schumann ou de Beethoven ou de Machado de Assis, o que é falso.

A estética é a teoria geral da arte e portanto é igual para todos: diferente para cada um, pelo contrário, é a maneira de fazer arte, isto é, a poética, do verbo grego "poi.in" o que significa exatamente fazer.

A poética de Schumann é então definitivamente a poética daquele romantismo do qual no século XIX foi expoente a Alemanha, em todas as expressões do espírito, da filosofia à literatura, da política à música.

É a ruptura definitiva com a latina unida de renascentista, a exaltação da angústica existencial, do dualismo eu-natureza eu-infinito.

E a poética de Schumann poderia justamente ser definida como a ânsia de infinito, nostalgia dos paraísos perdidos, autobiografia existencial.

Isto faz com que Schumann (e a mesma coisa acontecerá com Chopin) prefira as pequenas formas, as notações de uma intuição lírica, de um momento que passa, quase uma página de diário.

Seus clássicos querem construir amplas arquiteturas racionalmente estruturadas.

Os românticos do gênero de Schumann preferem o pequeno quadro, as vezes minúsculo, com o mínimo possível de dispersão, de dispersão da intuição originária, embora mantendo a perfeição e a limpeza das infra-estruturas.

Outros românticos ascenderão a fantasia para uma espécie de cavalheirismo quase medieval como Weber, ou para a música programática de grandes dimensões como Liszt e Strauss.

Obviamente no romantismo é sempre forte a presença da natureza, não mais coreografia de fundo como na pintura renascentista mas viva, agitada pelas suas próprias paixões, até em luta com as paixões humanas: uma natureza então a ser conquistada e dominada.

Não esqueçamos que os ingleses inventaram romanticamente em princípios do século XIX, um novo esporte: o alpinismo.

Outro tanto óbvia é nos românticos a presença da literatura, fortíssima em Schumann, pelo seu próprio profundo conhecimento dos poetas e romancistas Românticos.

A predileção pela poesia e pelas pequenas formas faz com que Schumann alcance os mais elevados resultados artísticos no gênero do Lied, continuando por outros caminhos a orientação iniciada por Schubert.

Schumann tem portanto competência e gosto para escolher os melhores textos dos melhores poetas germânicos, embora o seu predileto seja Heinrich Heine.

Vamos ouvir portanto uma série de lieder sobre textos de Heine, textos imbuidos de sentimento romântico mas límpidos e puros em sua realização poética; na verdade Heine era homem de dupla cultura, germânico-francesa.

Seja-me permitido antes de cada lied de falar da tradução do texto, para um melhor entendimento da roupagem musical criada pela fantasia do compositor.

Música: Lied na execução do barítono Thomas Hampson. Ao piano o grande regente de orquestra Wolfgang Sawalisch.

Às vezes Schumann enfrenta também a balada vocal evocativa de momentos fantásticos ou heróicos. Esplêndido exemplo disso é a famosa balada "Os dois granadeiros", sempre com texto de Heinrich Heine. Canta o baixo mineiro Amin feres. Ao piano Eliane Fajoli Lara.

Música.

Falamos finalmente das qualidades e dos defeitos de Schumann.

Até os grandes podem ter seus defeitos que apontamos com profunda admiração e humildade.

A maior qualidade de Schumann seja talvez a sua extrema sensibilidade harmônica e a total simbiose da melodia com a harmonia, harmonia que em suas mãos trilha novos e fascinantes caminhos.

Se ainda é possível encontrar-se satisfação na mera linha melódica de uma ária de Bellini ou até de um lied de Schubert uma melodia de Schumann não faz sentido sem o seu suporte harmônico; e vocês o terão percebido ouvindo os lieder agora executados.

O principal defeito de Schumann, de outro lado, é a sua escassa experiência no terreno da orquestração, coisa da qual ele é bem consciente, admirando a extraordinária habilidade do amigo Mendelssohn nesse terreno.

Somente nas últimas obras, e notadamente nas músicas de cena para o Fausto de Goethe há

um sensível progresso.

De qualquer maneira vamos ouvir a mais madura das sinfonias de Schumann, a quarta em ré menor.

Essa sinfonia na verdade foi a segunda por ele composta mas longamente remanejada no instrumental e praticamente refeita com um número de opus 120, tornando-se assim a quarta e última.

Observem a extraordinária qualidade das ideias musicais, principalmente na romanza e no scherzo, 2º e 3º movimentos, apesar de alguma desordem contrutiva e de algum excesso na retórica instrumental.

Música: 4ª Sinfonia opus 120, Filarmônica de Berlim, regência Rafael Kubelick.

Mas voltamos ao piano, instrumento predileto do compositor, com uma fascinante obra, apesar de juvenil, o Carnaval op 9.

São pequenos quadros, evocações, retratos musicais, lembranças de máscaras e colegas, mulheres e ardores românticos.

Vamos ouvir essa obra por rápidos blocos comentando todas as peças que a compõe.

A interpretação é do pianista Bernard d'Ascoli.

Música - 1º bloco

2º bloco

3º bloco

4º bloco.

É escusado dizer que a primeira intérprete das obras pianísticas de Schumann foi Clara Wieck.

Ela aliás após a morte do compositor continuou como uma missão a tarefa de divulgar a obra de Schumann.

Terminamos o nosso encontro com as peças fantásticas para piano, obra da plena maturidade.

Observem como o compositor não cita nenhuma origem literária, definindo as peças apenas com indicações agógicas, isto é, de andamento, a saber: allegro, adagio etc.

Música; Peças fantásticas, pianista Bernard d'Ascoli.